

ESKRÍTICA

Revista ESKRÍTICA 5.ª Edição

Abril de 2015

V

I

A

G

E

N

S



V

I

A

G

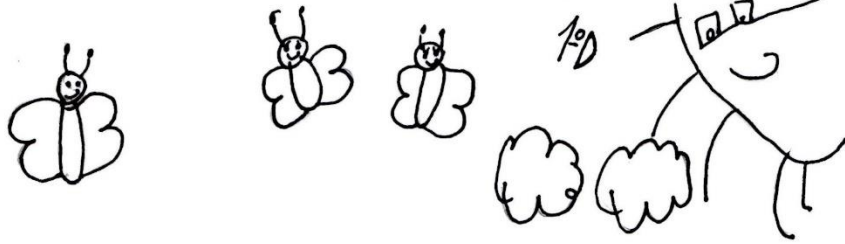
E

S

Os Primavera

Os Primavera começa com muitos animais e flores lindas.
As flores abrem e aparecem com muitas cores
Os animais nascem, correm e vivem muito
alegres. É uma época linda.

Texto coletivo



Natur

Christian Benjamin, vinte e sete anos, é um cientista sonhador. Está cansado, mas não consegue dormir. São 04h17m. O stress domina a sua mente. Está entre o gelo e o fogo. Uma pergunta explode na sua cabeça. Devo ir? Foi convidado para uma investigação no Planeta *Enceladus* para descobrir a formação de vida no nosso planeta, visto que o *Enceladus* é o planeta mais semelhante à Terra. Devo ir? Nunca se tinha sentido assim. Devo ir? Se for, trará consigo uma coisa muito especial de que se desconfia que fará com que haja vida no tal planeta. Devo ir? Era um jovem solteiro, sem pais e sem irmãos. De repente, a resposta positiva fazia mais sentido. Estava decidido que iria. Passado um pouco adormece.

No dia seguinte, informa o grupo de cientistas e astronautas que aceitou a oferta e, quase num piscar de olhos, já estava dentro da nave. 3,2,1...

Depois de longos sete meses e nove dias e quase com uma depressão, chega a *Enceladus*. É um planeta maravilhoso composto por duas partes: uma parte é mar e outra deserto, separado por uma ilha minúscula por volta dos 30 cm comprimento e 60 de largura chamada “Natur”. A sorte foi que não havia gravidade. Depois de examinarem e retirarem umas amostras do que viram, foi implantar a substância misteriosa... uma semente de árvore. Pode parecer louco, mas era a única maneira de perceber a formação de vida. A árvore iria produzir oxigénio, criando microrganismos...

Passados outros sete meses começam a aparecer pequenos peixes e cobras. A expedição estava quase a acabar, mas já se tinha provado que fora o oxigénio com os vários ambientes que formaram vida.

Já com vinte e oito anos, Christian teve de voltar para ver o que se passava. Após a viagem, observou que reinava a harmonia entre os animais marítimos e os terrestres. A parte terrestre passava de um deserto a uma floresta como a Amazónia. Talvez o homem viesse a aparecer num futuro, mas tudo indicava que não, visto que não havia terreno em que vivesse.

Christian concretizou o seu desejo depois de muito tempo: descobrir a formação de vida, pois, a partir de uma ilha pequena, criou vida naquele mundo invulgar.



João Grancho, 7.º A

O vento da Cabeça

Sou o vento que esvoaçava
Dentro da tua cabeça
parecia um enorme tornado
E era mesmo um safado!

Sou o vento que leva
O teu bravo coração
Pelo meio da relva
Ao sabor do verão.

Sou o vento que arrebatava
A tua pequena imaginação
Sou uma brisa chata
Quer queiras ou não!

Vou-me embora assim
Guarda esta recordação!
Nunca te esqueças de mim
Para o ano serei um furacão.



Fábio Antunes, N.º 9, 5.º C

A Amizade

Há alguns milhares de anos, descobriu-se a amizade. Ninguém sabe ao certo como, mas eu acho que foi assim:

Duas crianças estavam a brincar e as duas, enquanto brincavam, sentiam muita **A**dmiração uma pela outra. Quando uma estava triste, a outra dava-lhe muitos **M**iminhos. Quando brincavam a qualquer tipo de jogo, tinham muita **I**maginação. Raramente se **Z**angavam, mas, quando isso acontecia, resolviam os problemas da melhor maneira. Nas suas brincadeiras, as crianças trabalhavam em equipa, sempre prontas a **A**judar-se uma à outra. Qualquer que fosse a brincadeira, as crianças faziam-na com toda a **D**edicação. O que estas duas crianças sentiam uma pela outra era algo muito **E**special!

E foi assim que, para mim, se descobriu a **AMIZADE!**

E vocês, o que é que acham?



Madalena Vitorino, N° 10, 5.º A

A Cidade dos Líquenes

Era o seu primeiro dia na cidade dos Líquenes. Saiu então o rapaz do seu apartamento alugado. Esse adolescente tinha apenas dezassete anos, embora parecesse mais velho. Fisicamente, este era alto e esguio. O rapaz usava óculos, era bastante tímido e corava muito facilmente.

Este rapaz estava temporariamente naquela cidade a estudar sobre um grande fenómeno que apenas acontecia naquele local: Os líquenes reluzentes. Estes líquenes brilhavam apenas de sessenta a sessenta anos numa determinada altura do dia. Era deslumbrante. A avó do adolescente viveu tempo suficiente para conseguir ver os líquenes brilharem. Foi lá, naquela cidade, que a sua avó se apaixonou pelo seu, também, falecido avô.

Quatro semanas antes do espectáculo dos líquenes, a meio da tarde, o adolescente estava excessivamente concentrado a fazer os seus cálculos das horas exactas que faltavam para o espectáculo dos líquenes. O rapaz estava a atravessar a estrada, distraído, quando subitamente o viu uma luz a ir na sua direção a grande velocidade.

O rapaz acordou numa cama de hospital, num quarto duplo, pensando no que lhe podia ter acontecido. Então ouviu o médico a entrar no quarto. O jovem levantou a sua cabeça e, repentinamente, sentiu a sua cabeça explodir. Ele queixava-se das dores, demorando algum tempo a perceber que tinha uma pequena incisão na sua testa, e algumas lesões no resto do corpo. O médico aproximou-se com um sorriso nos lábios.

– Boa tarde, Sr. Charles, como se sente? – Perguntou o médico.

Charlie Charles, o adolescente, respondeu:

– Está a doer-me bastante a cabeça. Pode dar-me os meus óculos, por favor? Eu não vejo nada sem eles.

O médico então respondeu, um pouco preocupado:

– Pedimos desculpa, mas os seus óculos partiram-se durante o acidente.

Charlie ficou mais preocupado com o que tinha acontecido no acidente do que com os seus óculos. O que se teria passado?

O médico, reparando na cara de preocupação de Charlie, disse-lhe:

– O senhor esteve envolvido num acidente de mota, mas não sofreu lesões graves. Essa incisão que tem na cabeça também não é nada que não se cure. Apenas vai ter algumas dores durante um tempo. Vai ter de ficar uma semana, pelo menos, no hospital para poder repousar.

O médico lembrou-se de algo.

– Sr. Charles, não há ninguém da sua família a quem possamos ligar? – Perguntou o médico.

Charlie baixou a cabeça, olhou para os cobertores durante uns segundos, e então voltou a olhar nos olhos do médico.

– Não. – informou Charlie. – Mas obrigado por me ter esclarecido em relação ao que me aconteceu.

O médico recebeu uma chamada de emergência, pediu desculpas e saiu a correr. Charlie sorriu, mas passado uns segundos algumas lágrimas comçam a correr-lhe pela sua face. O adolescente ouviu o som das cortinas que separavam as duas camas. Olhou para o seu lado direito, com os olhos inchados de tanto conter o choro, e viu uma rapariga um pouco mais velha sentada na cama de hospital a olhar fixamente para ele. O coração do miúdo começava a correr cada vez mais depressa sob o olhar firme daquela rapariga. Ela tinha uns olhos verdes encantadores.

A rapariga finalmente falou.

– Olá, sou a Laura. Como estás? Eu ouvi o que aconteceu, e fiquei um pouco preocupada.

O rapaz respondeu, ainda hipnotizado pelos seus olhos.

– Ah? Ah! Estou bem, obrigado por perguntar! – A sua voz saiu mais alta e aguda do que era esperado.

A rapariga começou a rir-se da timidez do rapaz.

– Eu adoro pessoas tímidas. Têm tanta piada quando começam a gaguejar! Hahaha!

O miúdo ficou vermelho até às orelhas. Amuado, e envergonhado, fechou as cortinas rapidamente.

A miúda, arrependida, abriu a cortina devagar e começou a falar.

– Peço desculpa, eu não me consegui conter. E aconselho-te a comeres alguma coisa, pois não fazes há horas! Ah! e mais uma coisa: não comas as batatas cozidas, vais ficar enjoado.

Sem dar hipóteses ao Charlie para responder, a Laura sorriu e fechou a cortina. O rapaz, ainda vermelho que nem um tomate, disse com uma voz mais calma e suave.

– Obrigado, Laura, vou seguir os teus conselhos. Espero que possamos ser amigos.

Laura corou ligeiramente e sorriu por detrás dos cortinados. Então respondeu mais alto do que esperava.

– Claro! Ah... vemo-nos amanhã, então.

O rapaz riu-se baixinho, percebendo que Laura estava, também, um pouco nervosa.

– Boa noite, Laura.

Laura então lembrou-se de algo que a deixou completamente de rastos. Será que ela seria capaz de lhe contar? E, então, à medida que Laura pensava e fechava os seus olhos, lágrimas começaram a escorrer pela sua face. Essas lágrimas caíram sobre a almofada, deixando-a ensopada.

Uma semana passou. Charlie e Laura estavam a cada vez mais próximos. Todos os dias e a todas as horas conversavam sobre muitas coisas. Laura era uma rapariga engraçada, boa ouvinte e corava muito facilmente, tal como ele. Mas mais que tudo, ela tinha um sorriso exuberante. Laura tinha um pequeno intervalo entre os dois dentes da frente. Charlie achava-o bastante fofo.

Chegou o dia de Charlie se ir embora, de volta a casa, de volta aos seus cálculos e aos seus livros. Estava aliviado. Ninguém gosta de estar em hospitais. Mas uma parte dele não queria deixar Laura sozinha.

Charlie estava preocupado. Na noite anterior, perguntara a Laura o que é que ela tinha, pois, ao passar dos dias, esta foi ficando cada vez mais pálida, fraca e o seu sorriso começou a transformar-se num sorriso cada vez mais forçado. Agora, Charlie estava prestes a sair daquela porta, quando se virou e se despediu de Laura.

– Adeus, Laura. Quando tiveres alta do hospital, liga-me.

Laura estava destroçada. A rapariga encolheu as pernas, colocou a cabeça entre os joelhos, e começou a chorar desesperadamente.

Charlie arregalou os olhos. Estava preocupado. Começou a andar em direção a Laura e sentou-se à sua frente. O rapaz acariciou-lhe a cabeça. Laura olhou para Charlie e confessou.

– Charlie, eu tenho uma doença terminal.

Charlie não se conseguia mexer. Tudo estava desfocado. Ele estava em pânico. Foi então que se lembrou do sorriso radiante de Laura. O quanto ele amava aquele sorriso! Charlie tentou acalmar-se para poder falar sem assustar Laura.

– Laura, eu quero que saibas que já perdi muita gente que amava realmente. Houve um incêndio em minha casa, quando estávamos a ter um almoço de família. Apenas eu e a minha avó nos conseguimos salvar, porque estávamos no quintal a regar as flores favoritas da minha mãe. Tento afogar-me nos livros, nos cálculos, nos estudos, mas nada resulta. Todas as noites tenho o mesmo pesadelo.

Charlie fez uma longa pausa para poder recuperar o fôlego.

– Depois do incêndio, a minha avó ficou com depressão. Eu tive de tomar conta dela, mesmo tendo apenas onze anos. A minha avó recusava-se a sair de casa para ir para um lar de idosos. Por mais profunda que a depressão fosse, ela não me queria deixar. Uma noite, antes de eu adormecer, ela deu-me um beijo na testa e disse-me:

“– Antes dos teus pais e do teu avô morrerem, eles souberam o quanto os amavas. Isso é que é importante. E lembra-te: antes de perderes mais alguém na tua vida, diz-lhes sempre o quanto os adoras antes que seja tarde de mais.”

Então Charlie, sem desviar o seu olhar dos olhos de Laura, confessou.

– Antes de te perder, eu só quero que saibas o quanto eu te amo. A maneira como tu sorris e me fazes sorrir, os teus doces olhos verdes. Laura...

Charlie começou a fungar e a chorar a toda a força.

– Eu não vou conseguir viver sem ti! A minha vida mudou completamente desde a primeira vez que te vi. Não te quero perder, Laura!

Charlie começou a chorar ainda mais desesperadamente ao dizer estas palavras. Laura começou a chorar ao ouvir estas últimas palavras. Ao acalmar-se, Laura delicadamente colocou a mão no cabelo de Charlie e começou a acariciá-lo, dizendo:

– Charlie, eu nunca tinha percebido que também estavas apaixonado por mim. Ficou feliz por me teres contado. Eu também te amo, Charlie. E quero que saibas que nunca vais estar sozinho...

Charlie, ao ouvir estas palavras, colocou rapidamente as suas mãos nos ombros de Laura, deslizou as mãos pelas suas costas e abraçou-a, apertando-a com toda a sua força. Laura devolveu o abraço. Ambos ficaram ali, abraçados, a fungar durante bastante tempo.

O sol já se estava a pôr quando Laura se afastou lentamente para poder olhar Charlie nos olhos. Ela disse calmamente:

– Há algo que sempre quis fazer.

Charlie, limpando as lágrimas da cara de Laura, perguntou:

– O quê, Laura?

Laura olhou pela janela e respondeu:

– Os líquenes. Sempre quis vê-los brilhar. Deve ser lindo.

Charlie deu um pequeno sorriso doloroso, e não teve de falar para Laura perceber o que ele queria dizer.

– Charlie, eu tenho três semanas.

Charlie arregalou os olhos. Para se acalmar, fechou-os, inspirou e suspirou. Não resultou. Charlie começou a chorar, de novo. Era tão pouco tempo. Será que Laura conseguiria ver o espectáculo dos líquenes? Charlie levantou a cabeça, olhou para Laura e viu que nos olhos dela não havia sinais de esperança, e, se houvesse, eram quase invisíveis. Não sabendo o que dizer, o adolescente deu um beijo na testa da rapariga. Laura ficou corada.

Charlie disse, então, com bastante confiança.

– Tu vais aguentar até lá, e até lá, vamos fazer tudo o que tu quiseres e que esteja ao nosso alcance. Está bem, Laura?

A rapariga sorriu, mas desta vez era um sorriso verdadeiro, cheio de carinho e amor:

– Sim.

As três semanas passaram demasiado depressa, pensaram ambos. Laura estava fraca. Os seus músculos dificilmente obedeciam ao seu cérebro, por isso, Charlie teve de a levar numa cadeira de rodas. Ela não tinha autorização para sair do hospital naquele estado, logo, tiveram de arranjar uma maneira de sair dali, organizando os dois jovens um plano de fuga.

Foi bastante fácil.

Laura sentia-se cruel ao ter de fazer com que o seu namorado a levasse numa cadeira de rodas, enquanto subiam uma montanha um pouco íngreme, já que, mesmo assim, era necessária bastante força. Ela baixou a cabeça, olhou para as suas mãos magrinhas e disse:

– Charlie. Estás bem? Se calhar é melhor voltar para trás...

O rapaz respondeu rapidamente:

– Nem penses que vou desistir do teu sonho, Laura.

A jovem sorriu, aliviada por saber que Charlie a amava ao ponto de ficar com os músculos dos braços todos dormentes por causa dela. Foi uma longa caminhada.

Por fim chegaram. Era agora. Faltavam apenas uns segundos para começar. Aquela árvore era enorme! Cobria todo o topo da montanha. Havia lá muitos casais que estavam mais perto da

árvore, ao contrário de Charlie e Laura. Ambos estavam mais longe, não só para poderem apreciar o brilho dos líquenes, como também para poderem ver a felicidade dos casais à volta dela.

– Oh! Meu Deus! – Exclamaram, Charlie e Laura, olhando um para o outro.

Era uma vista maravilhosa! As pessoas aplaudiam. Todos estavam muito felizes. Os casais estavam maravilhados.

Charlie olhou para Laura pelo canto do olho. Uma lágrima escorria pelo rosto da rapariga, à medida que sorria. O rapaz reparou que os seus olhos estavam a ficar vermelhos claros e as pupilas estavam cansadas. O seu sorriso permanecia.

O jovem também sentiu lágrimas a escorrerem-lhe pelo rosto à medida que os olhos de Laura se fechavam. Fecharam-se muito lentamente. O que Charlie mais queria fazer era apertar a mão dela e beijá-la. Mas não podia. Apenas tocou delicadamente na sua mão. Charlie queria gritar! Mas não podia! Sussurrou na orelha da sua amada:

– Laura, eu prometo que te vou amar para sempre e...

Charlie não aguentava mais. Não conseguia conter o choro!

– Quando nos encontrarmos outra vez, eu prometo que não te vou deixar ir. Não te vou abandonar outra vez. Eu preciso de ti, Laura...

O rapaz fechou os olhos com força, e começou a chorar deliberadamente quando não sentiu a pulsação da sua amada ao segurar-lhe na mão.

Por segundos, pareceu-lhe ouvir Laura a murmurar:

‘Eu também preciso de ti’.

Cinquenta anos mais tarde

Charlie teve mais uma das suas conversas diárias com a sepultura da sua amada.

– Fugi do hospital para te ver, meu amor. – E sorriu. – Eu queria cometer o mesmo risco que tu, e morrer ao lado da pessoa que mais amo. – Uma lágrima começou a escorrer pelo seu rosto.

– Espero encontrar-te depressa.

Charlie foi encontrado sem vida ao lado da sepultura de Laura. Finalmente, reencontraram-se.

Beatriz Bernardino, N.º 3, 8.ª



O Xilofone Constipado

Era uma vez um xilofone que estava constipado.

Certo dia, ele saiu para o campo com os seus amigos e pegou-lhes a constipação.

Assim, a flauta, a guitarra e o tambor só tocavam Atchim! Atchim! Atchim!

O xilofone ficou muito preocupado porque todos tinham a grande missão de tocar numa orquestra no Mosteiro dos Jerónimos.

No dia do concerto, todos beberam um chá de limão bem quentinho e lá tocaram:

" *dó ré mi dó atchim*"

" *mi atchim ré dó*"

" *sol lá si atchim* "

Todos acharam o concerto tão criativo, hilariante e divertido que aplaudiram de pé.

2.º Ano, Turma A



À conversa com Cérbero



Vamos entrevistar um ser mítico sobre o qual já ouvimos muitas histórias. Trata-se de Cérbero, o cão de três cabeças que guarda a entrada da Ilha dos Infernos! Já participou em vários livros, sendo um deles *Ulisses*, de Maria Alberta Meneres, que é, em muitas escolas, lido e analisado nas aulas de português.

Leitor:

- Bom dia, estamos aqui porque gostámos da sua personagem no livro *Ulisses* e colocar-lhe-emos algumas perguntas para o conhecermos melhor.

Cérbero:

- Bom dia e obrigado por gostarem da minha personagem. Terei muito gosto em responder às vossas perguntas o que vos permitirá conhecerem-me melhor.

Leitor:

- Como é viver num mundo inferior?

Cérbero:

- Viver na Ilha dos Infernos é triste. Só há desolação, sombras e almas a vaguear...

Leitor:

- Ouvimos dizer que a forma como guarda a ilha é estranha. Como é?

Cérbero:

- Ouviram e ouviram bem. É mesmo muito estranha. Quando tenho os olhos fechados é porque estou acordado e quando tenho os olhos abertos é porque estou a dormir, mas eu já estou habituado.

Leitor:

- Qual é a sua missão na Ilha dos Infernos?

Cérbero:

- A minha missão não consiste em impedir a entrada de alguém, mas sim em não deixar ninguém sair!

Leitor:

-Como se sentiu ao deixar Ulisses, o rei de Ítaca, sair da sua Ilha?

Cérbero:

- Ulisses, manhoso como era, soube por Minerva, do meu segredo. Mas não me importei porque ele tinha uma missão para finalizar.

Leitor:

- Obrigado por ter vindo e pelas informações preciosas que nos forneceu. Um resto de um bom dia!

Cérbero:

- O prazer foi todo meu e estarei disponível sempre que precisarem ou quiserem adquirir mais conhecimentos

Damos por concluída a nossa entrevista e esperamos que tenham apreciado o nosso trabalho.

6.º C

Gabriel Cardoso, N.º 7

Rita Coimbra, N.º 2



Viagem ao Reino dos Mortos

Há um ano e meio, fiquei preso num incêndio, inconsciente e correndo perigo de vida. Desse episódio, só me recordo da viagem que fiz ao reino dos Mortos.

Quando lá cheguei, no meio da escuridão total, apenas se via a Morte que me deu duas opções: morrer ou voltar à vida e passar por muito sofrimento e complicações. Escolhi a segunda, claro, mas pedi para me conceder três dias no mundo dos Mortos e ela aceitou.

Havia alguém que eu queria ver e precisava desse tempo. O meu avô morrera quatro anos antes e eu tinha muita vontade de revê-lo. Assim, fui caminhando por aquele mundo negro, gelado e sombrio, sempre atento aos perigos que poderiam aparecer. Encontrei J.F.K e perguntei-lhe quem o tinha assassinado e ele revelou-me que fora um dos seguranças e não aquele atirador do prédio e que foi condenado.

Continuei a viagem e passado uma hora, após ter fugido de um exército de zombies e esqueletos macabros, encontrei o Eusébio e contei-lhe que tinha pena que ele tivesse morrido sem ver o Benfica a ganhar todos os títulos de Portugal. Ele sorriu e disse que agora teria a eternidade para ver tudo o que viesse a acontecer. Perguntei-lhe se sabia onde estava o meu avô e ele respondeu que estava junto ao Rio do Sangue. Agradei a informação e segui o caminho. Durante esse percurso, encontrei o Diabo que me tentou enganar fazendo-se passar pelo meu avô com um ar sombrio e eu descobri o engano porque o meu avô, mesmo nas situações mais difíceis, tinha sempre um sorriso. Dei um soco ao diabo, ele ardeu, desfez-se em cinzas e desapareceu a miragem.

Quase a esgotar o tempo concedido pela Morte, encontrei o meu avô junto a uma árvore, abraçámo-nos, matámos saudades e tivemos de nos despedir.

Passados três dias daquele incêndio em que fiquei preso, acordei do coma, com um sorriso nos lábios.

João Roxo, nº 16, 8°C



O Livro das Histórias

A minha mãe sempre me disse que quando quisesse viajar só precisava de um bom livro.

Nunca acreditei muito nisso. Como é que um livro te pode levar a ver o mundo?

Havia um livro que era o favorito da minha mãe. Ela estava sempre a lê-lo. Não percebia porquê, também nunca o tinha lido e achei que era apenas mais um livro pelo qual ela estava fascinada.

Porém, um dia, vi-o na mesa da sala. O título era *O livro das histórias*. Abri-o, folheei sem grande interesse e, após uns minutos, comecei a ler até que me apercebi que já não estava em casa... estava na floresta amazónica! Não acreditava no que estava a ver: todas as espécies de animais e plantas diferentes, era um paraíso... Agora já acreditava que um livro realmente me podia levar a qualquer lugar!

Comecei a andar... Já estava a anoitecer e eu ainda não tinha encontrado um lugar para ficar, nenhum sinal de vida humana, já estava muito cansada. Então subi a uma árvore e adormeci...

No dia seguinte, acordei e estava no deserto, perguntei-me como é que tinha ido lá parar. Sempre que adormecia, acordava num lugar diferente. Vivi aventuras incríveis, dei a volta ao mundo.

-Inês, Inês, está na hora do jantar, anda para a mesa. - disse a minha mãe.

Olhei, espantada, à minha volta: estava em casa! Na mesa da sala, repousava “aquele” livro.

Inês Gouveia, N.º10, 8.º D



Entrevista a Polifemo

Entrevistador: Você vive sozinho nesta ilha da Ciclópia. Como se alimenta?

Polifemo: Normalmente, caço e como o que consigo apanhar... não sou esquisito, desde que seja carne!

Entrevistador: Sente falta dos seus amigos?

Polifemo: Não, porque eles todas as noites me dizem adeus.

Entrevistador: O que acontece quando você fica furioso?

Polifemo: Parto tudo no meu caminho!

Entrevistador: Você é forte! Como mantém o físico?

- **Polifemo:** A caça faz-me exercitar mas acho que sou naturalmente forte.

Entrevistador: Para além de caçar que outras tarefas tem no seu dia a dia?

- **Polifemo:** O meu passatempo favorito... apascentar as minhas queridas ovelhas

Hugo Dinis, N.º8, 6.ºE



A Amizade

Uma vida sem amigos é uma vida infeliz; tristes são aqueles que não os têm.

Amigos não se escolhem, conquistam-se e merecem-se.

Os amigos veem-se nos abraços, no carinho, na atenção, na diversão, nas palavras, e no amor que só um amigo nos sabe dar.

Eu gosto de ter amigos, daqueles que esperam por mim para brincar, que conversam comigo quando eu estou triste, que me defendem em qualquer lugar e que contam comigo para o que der e vier.

Muitos foram os amigos que já conheci e muitos mais virei a ter.

Com todos eles aprendi que a amizade também é partilhar.

A amizade é das coisas mais valiosas do mundo e não há nada mais bonito do que guardar alguém tão especial no nosso coração para o resto da nossa vida.



Guilherme Prazeres, N.º7, 4.ºC

Entrevista a Circe

Boa tarde espectadores, aqui, ao nosso lado, temos Circe. Ela é considerada a deusa da noite, da lua nova e da lua negra. É uma famosa feiticeira, conhecida por elaborar venenos e poções mágicas. Costuma transformar homens em animais no seu palácio. É filha de Hécate e de Hélios – o deus do sol. Vamos iniciar a entrevista!

Entrevistador

- Boa tarde!

Circe

- Boa tarde!

Entrevistador

- Ficou conhecida desde que apareceu no livro *Ulisses*. Que papel desempenhou no mesmo?

Circe

- Bem, no livro, o meu papel foi de vilã e, por isso, as pessoas não me deram muita importância.

Entrevistador

- Porque transformou os companheiros de Ulisses em porcos?

Circe

- Reparei que Ulisses, ao longo das suas viagens, precisava de carinho tal como eu. Transformei os seus companheiros em porcos, pois sabia que ele os viria salvar e provavelmente ficaria comigo.

Entrevistador

- Para terminar, gostava de participar num filme baseado na *Odisseia*, mas com a adaptação de Maria Alberta Menéres de *Ulisses*?

Circe

- Claro que sim, gostava bastante e, para além disso, não era má ideia fazerem também uma banda desenhada.

Entrevistador

- Muito obrigado, por ter vindo ao programa. Até à próxima!

Circe

-O prazer foi todo meu. Tentarei estar disponível sempre que me solicitarem.

Entrevistador

E é assim, enfeitado, que o programa de hoje termina. Boa tarde.



Beatriz Avelar, N.º5, 6.º B
Beatriz Santos, N.º6, 6.º B

A Amizade

Eu tenho muitos amigos. Esta afirmação deve fazer pensar que amigos não me faltam! Mas vocês sabem o que é a amizade ou pensam que sabem?

Bem, se não sabem, deixem que vos explique. A amizade é um misto de sentimentos: alegria, tristeza, felicidade... Existe um tipo de amizade que se revela, muitas vezes, pouco verdadeira e sincera. Esta é muito feia, pois pensamos que temos amigos mas eles não nos ajudam quando mais necessitamos deles.

A verdadeira amizade é muito bonita e importante para nós. São os amigos que nos ajudam a passar as dificuldades e que partilham connosco os bons e os maus momentos.

Então, o que pensam agora da amizade? Ainda pensam que todos os vossos amigos são realmente verdadeiros e estão convosco nos momentos mais difíceis? É o momento de fazerem uma boa reflexão sobre este sentimento tão importante para as nossas vidas.



Quando a amizade é verdadeira, não existe diferença !!

Miguel Oliveira, N.º19, 5.º D

Viagens

Logo após a chegada à Espanha dirigi-me ao hotel. Pousei as minhas malas, atirei-me para cima da cama enorme que lá havia, olhei para o teto. Ele parecia refletir a minha alma naquele momento, um espaço vazio à espera de ser preenchido. Adormeci.

Já passava das três badaladas quando acordei. A escuridão reinava nas ruas, a noite estava pacientemente à espera da chegada da luz, da forte e majestosa luz, que iria pôr fim ao seu poder noturno.

Voltei para a cama, e rapidamente caí num sono profundo que só acabou quando a claridade do dia me encandeou pela grande janela que lá existia, e que nos dava a vista mais maravilhosa de Barcelona. Tomei o pequeno-almoço, ainda com as vestes do dia interior implantadas na minha pele clara, brilhante e pálida.

Abri a mala que havia trazido comigo durante toda esta viagem, estava cuidadosamente arrumada de maneira a que toda a minha roupa lá coubesse e, quando a abri, lá estava o meu vestido de verão, a olhar para mim diretamente, com aquele tom único de verde-água que se estendia por todo o seu longo tecido que vinha dos meus ombros e acabava com o toque ligeiro nos meus pés.

Não tinha pressa alguma, mas o sexto sentido dizia-me para sair do quarto de hotel rapidamente. Direcionei-me para o teatro, rumores e lendas percorriam as ruas de Barcelona e diziam que assim que pisássemos o chão do palco do tal teatro algo nos mudava por completo e, claro, eu curiosa, queria comprovar isso.

Quando lá cheguei, a sala de espetáculos estava vazia. Subi ao palco e deixei a dança fazer de mim o que quisesse. Entreguei-me à música que lentamente se ia repetindo na minha mente, e dancei, dancei como se o amanhã não existisse, como se o sol, a lua, os oceanos e as flores tivessem uma sentença de morte após a minha dança.

O meu rosto brilhava a cada vez que eu olhava para os focos de luz, até que do nada uma voz se ouve, clara e nítida. Dirigia-se a mim com as palavras. Era majestosa e encantadora.

A voz ganhou forma...

Um homem alto, cabelo e olhos negros como a morte, roupas tão escuras quanto o seu olhar, surgiu. Era estonteante.

Ele havia assistido a cada passo que eu havia dado. Sentia-me nua. Dançar à frente de alguém é como mostrar todo o meu interior ao mundo.

Ele não disse mais palavra nenhuma a não ser:

- Até já.

Voltei para o hotel. Aquela imagem não saía da minha cabeça. Apesar de não o conhecer ou de não ter tido algum tipo de conversação com ele, eu tinha-me encantado por ele. Aquela voz melodiosa fazia todas as outras parecerem banal. Tinha-me apaixonado por um estranho.

Diana Lachica, 9.º D, N.º5



Entrevista a Minerva

Bom dia. Temos uma convidada especial aqui no *Jornal da Manhã*. Minerva nasceu após o seu pai, Júpiter, engolir a deusa Métis. Depois, deu-lhe uma grande dor de cabeça e pediu a Vulcano que lhe abrisse o crânio com o seu melhor machado. Desse processo nasceu a deusa Minerva já em forma adulta. O crânio do Deus Júpiter curou-se, pois ele é imortal.

Entrevistador:

-Como se chama?

Minerva:

-Chamo-me Minerva.

Entrevistador:

-Tem algum valor?

Minerva:

-Sim. Sou Minerva, deusa da sabedoria e, nos momentos de perigo, apareço sempre.

Entrevistador:

-Ainda tem algum familiar vivo?

Minerva:

-Tenho o meu pai Júpiter, o deus dos dias.

Entrevistador:

- Que expectativas tem o seu povo de si?

Minerva:

-Os gregos acreditam que eu sou a sua especial protetora.

Entrevistador:

-Tem algum rival?

Minerva:

- Infelizmente, sim. Tenho uma inimiga chamada Circe.

Entrevistador:

-Na sua vida ajudou alguém em especial?

Minerva:

- Sim, Ulisses. Era um homem muito especial porque era destemido, corajoso e, para o salvar dos feitiços da minha rival, dei-lhe a erva da vida.

Entrevistador:

-Gosta de ser deusa grega?

Minerva:

-Sim, gosto muito; é um povo corajoso e destemido.

Entrevistador:

-Gostaria de conhecer outro povo?

Minerva:

-Não, porque ainda tenho o meu povo para herdar e ajudar.

Entrevistador:

- Ajudar Ulisses foi marcante para a sua vida?

Minerva:

-Sim, sem duvida nenhuma. É um marinheiro muito sincero e bondoso.

Entrevistador:

- Obrigado pela sua comparência e disponibilidade nesta entrevista.



David Murraceira
Maria Catarina Marques
6ºA

A Amizade

A Amizade, para mim, é muito especial, porque é como que se os amigos fossem uma segunda família. Eu adoro os meus amigos.

A Amizade é um sentimento que só as pessoas simpáticas e boas sabem sentir. Para mim isto é a amizade!

Eu já me separei, várias vezes, da minha melhor amiga Micas e quando me separei dela senti-me só, sem amigos, como se fosse só eu no Mundo. Aí, pensei que tinha de pedir desculpa e pedi! Passado algum tempo, voltámos a ser melhores amigas...

A minha mãe também me contou que não pode haver amizade sem zangas.

A Amizade é uma coisa lindíssima! Se eu não tivesse amizade no meu coração, não sei como poderia viver...



Laura Ribeiro, 5.ºD, N.º11

A Grande Corrida na Selva

Era uma vez, num dia de sol, numa selva, um elefante, uma girafa, um macaco, um rinoceronte e um leão que queriam fazer uma corrida de skate para ver quem era o rei da selva. E lá começou a corrida entre o elefante inteligente, uma girafa solidária, um rinoceronte apressado, um macaco presunçoso e um leão distraído, arrancando todos de uma só vez, em cima dos skates que cada um tinha preparado.

O macaco enquanto corria dizia:

-Eu é que vou ganhar! Podem já desistir porque eu é que sou o rei da selva!!!

E o leão respondeu:

- Nem penses, porque eu é que vou ganhar esta corrida. Está no papo.

O leão e o macaco iam na frente, sempre a discutir e, de repente, saltou um roda do skate do leão, ele caiu num lago e começou a gritar:

- Socorro! Socorro! Alguém que me ajude!

O macaco disse:

- Nem sonhes que te vou ajudar, tenho uma corrida para ganhar. Ah!...Ah!... Ah!... Vou ser rei!

A girafa ouviu o pedido de socorro e disse:

- Já vou salvar-te, meu amigo leão. Agarra-te ao meu enorme pescoço e eu salvo-te.

E lá continuaram a corrida mesmo sabendo que já não tinham muitas hipóteses, dizendo a girafa:

- Vamos, amigo leão, o importante é não desistir!

Como o rinoceronte ia muito depressa, ficou com a cabeça presa num arbusto e ficou arranhado:

-Au! Au! Au!.... Isto dói.... Com tanta pressa já perdi a corrida....

O macaco, ao pensar que já todos tinham ficado para trás, continuou calmamente no seu skate. Quando estava quase a chegar à meta, subitamente, apareceu o elefante muito concentrado, conseguindo ultrapassar o macaco e ganhando a corrida. Diz, no final, a todos os amigos, que entretanto chegaram:

- O importante não é ganhar, é participar. Se preciso for, desistimos para um amigo ajudar e não se esqueçam que depressa e bem não há ninguém. Se querem algo alcançar, para tal têm de trabalhar!



Inês Rodrigues, 3.ªA

Entrevista a Polifemo

Entrevistador: Olá, hoje vou entrevistar Polifemo, o terrível ciclope!

Bom dia Polifemo, vim cá para fazer-te algumas perguntas.

Polifemo: Bom dia e bem-vindo à minha ilha.

Entrevistador: Obrigado! Diz-me, Polifemo, porque vives nesta ilha, sozinho, afastado de todos os outros ciclopes?

Polifemo: Antigamente, eu vivia numa outra ilha, com os outros ciclopes. Mas, um dia, chegaram ao pé de mim e expulsaram-me, deixando-me aqui, só, com apenas umas ovelhas. Disseram-me que eu era terrível, e andava sempre à luta... foi por essa razão que me expulsaram. Eu que era tão bonzinho para eles!

Entrevistador: Então, agora, o que faz para se entreter?

Polifemo: Costumo fabricar queijo e também invento jogos.

Entrevistador: Mantém contato com os outros ciclopes?

Polifemo: De vez em quando temos umas conversas, gritando claro, como as ilhas são tão afastadas... mas todas as noites me gritam boa noite.

Entrevistador: E ficou cego devido às lutas que tinha com os outros ciclopes?

Polifemo: Não, não teve nada a ver com eles! Foi o pigmeu do Ninguém. Não foi nada justo! Eu que o deixei a ele e aos seus companheiros ficarem na minha gruta naquela noite! Até prometi a Ninguém que o comeria em último! Assim que adormeci, Ninguém teve a ideia de cegar-me e num instante espetaram-me com um tronco no olho, fiquei furioso, pedi ajuda aos outros ciclopes, mas eles pensaram que estava com raiva e os ia atacar...

No dia seguinte, tirei da frente a rocha que mantinha a gruta fechada e deixei as ovelhas sair. De repente ouvi o barulho de um humano a cair no chão... fui logo para correr atrás dele, mas pensei que, se fosse atrás dele, de certeza que os outros iriam fugir e preferia perder um do que não ter nenhum. Mas depois acabei por descobrir que tinham todos fugido!

Entrevistador: Deve ter sido horrível, mas não percebi muito bem. Se ninguém o fez, como é que aconteceu?

Polifemo: Ai! nunca me vais entender, por isso é melhor parar de falar sobre esse assunto... senão, fazes-me zangar e devoro-te numa só dentada!

Entrevistador: Está bem, está bem! Então o Polifemo tem família?

Polifemo: Não. Nenhum ciclope tem.

Entrevistador: Mas, se não têm família com é que existem?

Polifemo: Os ciclopes aparecem na Ciclopia, assim do nada. Já adultos, sem terem passado pela infância.

Entrevistador: A sério? E que idade tem?

Polifemo: Também não sei, aqui na ciclópia não contamos os anos.

Entrevistador: Bom, obrigado por ter perdido seu tempo connosco, mas já é hora de ir.

Adeus!



Laura Pã, N.º14, 6.º F

A AMIZADE

A amizade é um sentimento de grande afeto ou simpatia por alguém.

Devemos brincar com os nossos amigos, devemos tratá-los bem e ajudá-los quando precisam. Nunca lhes devemos mentir!

O que eu gosto de fazer com os meus amigos é brincar e conversar com eles.

A amizade é muito importante, porque, quando precisamos de ajuda, os nossos amigos estão lá para isso!

Às vezes, afastamo-nos dos nossos amigos, mas a verdadeira amizade acompanha-nos para sempre.



Tiago Pereira Prazeres, N.º 28, 5.º F

A Oitava Maravilha do Mundo

Viajei muito tempo até àquele local, passei por coisas tão tremendas que até os demónios temeriam, aguentei situações onde um fraco desistiria, mas não desisti e, no final, valeu a pena.

Quando cheguei ao local, pareceu que o tempo tinha parado; a maravilha paralisou cada parte de mim! Parecia um sonho do qual eu não queria acordar ou um feitiço que não queremos quebrar. Tudo era simplesmente perfeito, mais do que perfeito, parecia a oitava maravilha do mundo. Fiquei sem palavras!

À medida que a curiosidade me invadia, os meus olhos exploravam a paisagem e o meu coração batia mais depressa. Apaixonei-me por aquele local.

A vegetação era verde e as folhas eram tão belas que brilhavam com a luz do sol.

As árvores, cada uma diferente da outra: umas pareciam alegres outras tristes, outras confusas e até umas pareciam chorar; eram todas diferentes, nenhuma igual à outra. As que mais admirei foram os chorões, com as suas folhas verdes reluzentes enquanto as gotas caíam suavemente na lagoa. E a lagoa!... Nunca nenhuns olhos tinham visto coisa mais bela! Esta tinha a água límpida, no fundo viam-se os peixes mais raros e lindos do mundo. As areias eram claras como se nunca ninguém as tivesse pisado. Quando o fiz, parecia que os meus pés pisavam nuvens, pois as areias eram tão suaves como a pele de um bebé.

À medida que anoitecia, eu admirava as mudanças da natureza à noite e tenho que admitir que tudo ainda era mais belo ao luar.

E foi assim que conheci aquele local que parecia ser mágico. Apesar de ser apenas uma paisagem, acho que era mesmo a oitava maravilha do mundo!



Vanessa Filipe, 7.º B, N.º 26

Entrevista a Serena, a Sereia

Entrevistador: Bom dia, Serena. Estive a pesquisar na Internet e gostaria de saber como é que vocês, as sereias, atraem os marinheiros...

Serena: Bom dia! Começa logo com uma boa pergunta! Sabe, nós temos umas cordas vocais muito resistentes e isso dá-nos força e beleza à voz.

Entrevistador: Porque é que as sereias lhes fazem isso?

Serena: Achamos divertido... nada mais!

Entrevistador: Como é possível vocês serem metade mulher, metade peixe?

Serena: Não sei bem, mas quando eu era pequena diziam que tínhamos sido amaldiçoadas.

Entrevistador: É inacreditável vocês conseguirem respirar debaixo de água...

Serena: Sim, pois é.

Entrevistador: Quem são os seus pais?

Serena: A minha mãe é Narissa, a deusa dos animais marinhos, e o meu pai é Poseidon.

Entrevistador: A menina é solteira?

Serena: Isso é pergunta que se faça! Mas, já que insiste, sim, mas apaixonei-me por um dos marinheiros que cá passaram com Ulisses; espero voltar a vê-lo.

Entrevistador: Qual o seu maior sonho?

Serena: O meu maior sonho é casar-me, ficar com pernas... em vez de viver com os meus vinte peixes-gato.

Entrevistador: Adeus e muito obrigado pela entrevista.



Sandro Patrocínio, N.º 20, 6.º D

Receita

Amizade à Casa!

Ingredientes:

- 1 pitada de críticas construtivas;
- ½ Kg de amor;
- 250 g. de bondade;
- 2 chávenas de lealdade;
- 1 chávena de confiança;
- 3 copos de paciência;
- 2 copos de compreensão;
- 1 colher de sopa de sinceridade;
- 1 colher de chá de consideração;
- 1 colher de café de respeito.



Modo de Preparação:

Misture todos os ingredientes com muito carinho e cuidado nas doses certas. Leve ao coração pré-aquecido durante toda a vida.

Dica: Se queimar não se preocupe muito, remova a camada exterior e cubra generosamente com perdão!

Turma, 3.º C

A Viagem

Mais uma manhã a acordar às seis horas.

Levantei-me, tomei um duche, tomei o pequeno-almoço e saí de casa para ir trabalhar.

Estava um lindo dia de Primavera, com sol e uma temperatura muito agradável.

Tomei então uma decisão: naquele dia não iria trabalhar.

Arranjei uma desculpa, uma tia doente, telefonei ao meu chefe, e arranquei em direção a Vila Nova de Milfontes.

Não tenho lá nenhum familiar, mas a costa alentejana sempre me fascinou.

As praias desertas, o oceano em todo o seu esplendor, os muitos quilómetros de estrada sem encontrar ninguém e, chegando lá, a paz de espírito que se encontra.

Cheguei a Milfontes a meio da manhã. Fui direto à praia; era só eu e o mar.

Ao longe, do outro lado do rio, que desagua mesmo ali na praia, uma mãe e os seus dois filhos passeavam com o seu fiel amigo labrador.

Aventurei-me a tomar um banho. Subi à vila, à procura de uma loja onde pudesse comprar uns calções de banho. Foi fácil de encontrar, apesar de estarmos na Primavera.

O mar estava convidativo, mas havia o receio de encontrar a água gelada. Aventurei-me a mergulhar no rio. Puro engano. A água estava brutalmente gelada, de tal maneira que tive dificuldade em sair, tal o estado em que fiquei. Lá no alto, alguns locais estavam a rir com a minha aventura.

Saí da água, limpei-me, vesti-me, meti-me no carro e só parei em casa.

Amanhã vou trabalhar. Pelo menos no escritório está mais quentinho.

Miguel Vieira Ribeiro, N.º 16, 9.º A



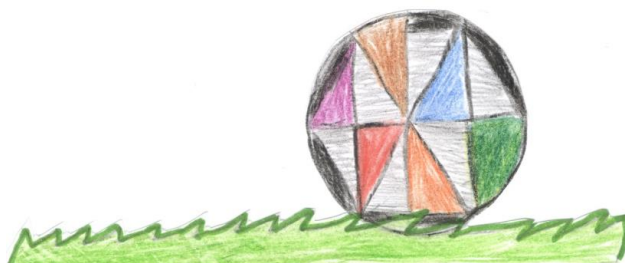
Imaginação

Sou a bola
que rebola
no relvado
enfeitado.

Saltitona,
brincalhona,
sou a bola
Pintarola

Tenho cores
como as flores.
Sou a bola
lá da escola.

Carolina Madeira, N.º5, 5.ºC



Viagens

Uma estranha voz. Não sei onde estou e o caminho parece longo até ao fundo do corredor escuro e vasto. Queria encontrar a estranha voz que me acordou, mas não encontro aqui ninguém.

Abro a porta. Esta é já velha, sem tinta em alguns lugares, e até rangia. Do outra lado da porta encontro uma mesa cheia de comida. Sento-me, pois estou esfomeada, e com receio tento cortar uma fatia de bolo, aquele que parecia delicioso, não o conseguindo, porque, mal toquei nele, ele flutua, como também tudo o que estava a seu redor, menos eu, que acabo por me levantar assustada e tento fugir para um lugar que me pareça mais normal.

Corro, corro, mas parece que outra vez naquele corredor fundo e escuro que nunca mais acaba. Mas que raio? Onde é que eu estou metida?

Depois de correr uns poucos minutos, encontrei uma porta, que me parece ser a da rua. Até estou com medo de a abrir.

Num ápice, abro-a, e encontro montes de pessoas?

Não, aquilo não são pessoas, são umas criaturas que não me parecem maldosas.

Desço as escadas, mas, de repente, deixo de sentir o chão e começo a flutar de cabeça para baixo. Tento pôr-me direita, mas não me parece que consiga. Então desisto.

Olho para ver se alguém me ajuda, mas, estranhamente, já tinha tudo desaparecido e havia apenas um fundo interminável e branco.

Suspiro, pois já não sei o que fazer. Dizendo isto, num abrir e fechar de olhos, olho para baixo e já estou direita, e estão montes de seres, desta vez humanos, a olhar para mim. E, ao apontar, vejo-me em cima das nuvens.

Realmente é uma sensação ótima e ao mesmo tempo relaxante .

Fecho os olhos e sinto o vento a bater-me na cara, e dou um grito para soltar a adrenalina existente em mim.

Nunca me senti tão viva e tão presente no mundo, como me sinto nesta pequena nuvem. Com isto aprendi a aventura do saber viver.

Patrícia Ferreira, N.º18, Turma: 9.º B



Viagem de uma Vida

Olá o meu nome é Alice, tenho dezassete anos e estou mesmo a acabar o meu décimo segundo ano de escolaridade. Neste momento estou a estudar fotografia. “Fotografia?” perguntam vocês. Bem desde pequena que admiro o mundo, as paisagens, os animais, os rios e os oceanos, as folhas que se espreguiçam ao sabor suave do vento e as árvores que dançam com a sua harmonia...mas nunca soube como ficar com esses momentos mágicos para mim, até que um dia a minha mãe me ofereceu a minha primeira máquina fotográfica. Até este momento ainda guardo aquela pequena relíquia.

Sou nova, mas já viajei tanto que me sinto abençoada da minha sorte. Tantas memórias dos lugares que visitei como China, Macau, Índia, Havai, Los Angeles, Austrália, o Reino Unido, Amesterdão. Na minha família somos todos ligados à arte, e todos temos uma maneira única de nos expressar. Quanto a mim, o meu instrumento é a minha máquina fotográfica.

Em todos os lugares que visito, conheço pessoas novas e, com cada uma delas, conhecimento ganho. Bem, não sou só eu que ganho tal conhecimento, pois tenho sempre o hábito de levar o meu álbum de fotos que os meus pais me ofereceram. É um álbum muito bonito e na capa até tem uma fotografia do mundo. Neste momento está cheio até dizer chega. Muitas pessoas admiram o meu trabalho e aprendem também costumes ou outra coisa qualquer.

Para mim, viajar faz parte das pessoas, conhecer sítios novos, línguas novas e ver a singularidade única de cada um dos lugares e das pessoas. Todos são diferentes, mas também completamente iguais.

Bem, neste momento estamos em férias e já consegui arranjar dinheiro suficiente para ir a Paris com os meus pais (pois é que eu agora tenho que arranjar sempre a minha parte do bilhete). Estou tão ansiosa que mal posso esperar.

Com estas viagens todas...olho para trás e nem imagino o que seria de mim sem o meu pequeno instrumento mágico.

Fim...

Joana Gil, N.º12, Turma: 8.º B



Uma Viagem a Saturno

Certo dia, um pequeno rapaz, decidiu planejar uma viagem de sonho. O pequeno Henrique era bom aluno, tinha excelentes notas e sempre teve a esperança de poder ir a Saturno.

Ele interessou-se em aprender tudo o que poderia ajudar a realizar o seu desejo, de poder fazer esta viagem.

Aos 20 anos, como a família era rica, ele aproveitou e pôs os seus conhecimentos à prova.

Inventou uma nave que pudesse duplicar o espaço e o tempo para não demorar meses, mas sim minutos a chegar a Saturno. Também inventou umas pastilhas que lhe davam Oxigénio durante vinte horas.

Quando ele realizou a viagem, os pais ficaram preocupados, pois não acreditavam que ele fosse capaz.

Henrique, já dentro da nave, começou a ouvir música. Foi a cantarolar durante dez minutos. Quando lá chegou, nem quis acreditar no que via. Havia solo laranja e plantas pequenas, castanhas.

Existiam vários tipos de plantas em ponto pequeno. O planeta tinha muita pouca cor. De repente, apareceram pequenos seres, o mais alto só chegava ao joelho de Henrique.

As pequenas criaturas pareciam uma mistura de pessoa, gato e coelho, pois tinham orelhas grandes como as do coelho, pelo curto, uma cauda fofinha como a do gato, e andavam como uma pessoa. Também tinham uma cor castanha e escura. Quando eles viram a nave, entraram logo. Encontraram baldes de tinta e começaram a brincar. O jovem Henrique ficou fascinado e não quis interferir. Começou a observar de longe as fascinantes criaturas.

Estas saíram da nave e começaram a pintar o planeta. O Henrique pegou numa máquina fotográfica que tinha trazido e começou a tirar fotos àquele incrível espetáculo. O planeta e as criaturinhas ficaram todas coloridas e isto fez com que o planeta parecesse outro visto da Terra.

Passadas quatro horas, o jovem voltou para a nave e regressou a casa. Mostrou as fotos aos pais e viu que eles, finalmente, não olhavam para ele como se fosse um maluquinho.

Quando fez os oitenta anos, já estava muito doente e acabou por morrer, mas feliz, e com o álbum de fotos, da sua viagem inesquecível, ao colo.

Daniela de Jesus, N.º 9, 8.º E



Uma Viagem ao Livro Mágico

No dia do meu aniversário, recebi vários presentes mas aquele que achei mais estranho foi o do meu pai, que era um livro em branco.

Em casa, fui dar uma vista de olhos e pensei que aquele livro fosse um diário.

À noite, comecei a escrever e, à medida que o ia fazendo, o diário começava a registar as palavras por magia. Aquele livro era como um amigo para mim, pois, quando estava triste, ele falava comigo e acalmava-me.

Um dia, eu disse-lhe que gostava de ir a Paris e ele respondeu que me podia levar até lá. E em dez segundos apareci em Paris perto da Torre Eiffel. Fiquei espantado e um bocadinho assustado por poder transportar-me para qualquer lugar.

De seguida perguntei-lhe:

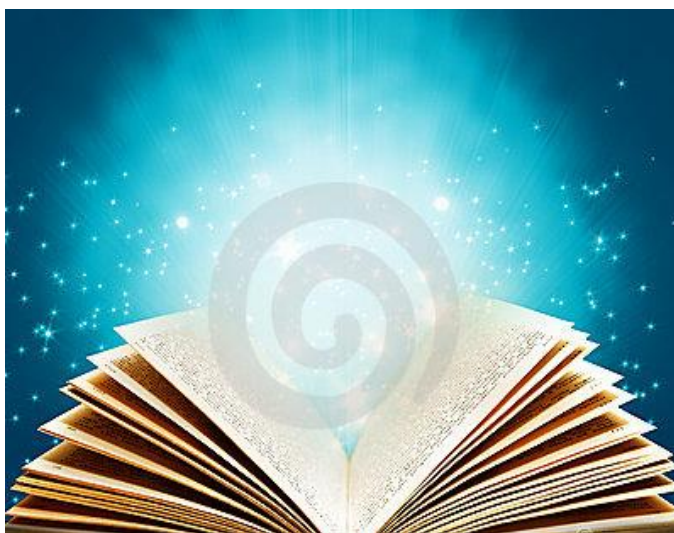
- O que se passa?

- Eu sou um livro lendário. O teu pai encontrou-me nas pirâmides do Egipto e trouxe-me. Tenho oitocentos anos e pertenci a um faraó.

Como estava em Paris, decidi caminhar por lá para ver e conhecer a cidade. Comecei a ficar com fome, por isso fui a um restaurante francês chamado “*Chez Antoine*” e comi um belo bife de vaca com batatas fritas. Quando terminei, percebi que não tinha como pagar a conta e fui logo pedir ajuda ao livro e ele deu-me dinheiro.

Horas mais tarde, pedi ao livro para me levar para casa e quando cheguei agradei ao meu pai ter-me dado aquele presente.

Será que vou viver mais alguma aventura?



Daniel Vieira Martins, N.º7 8.º E

Viagens

A viagem de sonho

Gostava tanto de viajar
E descobrir o mundo
Ser valente e explorar
Tudo num só segundo.

Ir à Rússia, bom já fui.
Vi o que nunca vira:
Pessoas alegres por todo o lado
Com eles muito ri.

Ir a França, também já fui.
Coisas novas explorei,
Vi a Torre Eiffel
E com os meus pais passeei.

Fui à Serra da Estrela
Comi queijos deliciosos,
Diverti-me na neve
Tive dias bem formosos.

Fui a estes sítios lindos
Não fui a mais nenhum
Nos meus sonhos fui a muitos
Ainda hei de ir a mais um.



Sabrina Lepadatu, 7º F, N.º 20

Viagens

Vou contar a minha viagem às minhas recordações. Dentro desta viagem há muitas outras viagens pelo caminho.

Vou começar pelo dia em que nasci, de que não me lembro de nada. Em relação à minha infância, tenho muitas recordações fantásticas, por exemplo, no dia em que fiz uma viagem até à Disneyland. Foi uma viagem inesquecível, foi como se todas as personagens da Disney, que não passavam para além dos livros, ganhassem vida.

Nesta viagem às minhas recordações também não me posso esquecer de referir o meu primeiro dia de aulas. Foi um dia em que fiz muitas amizades, que ainda hoje permanecem, e por isso, ainda hoje, me lembro muito bem desse dia.

Também me lembro de todos os meus aniversários, foram todos inesquecíveis.

Fiz muitas viagens pelo mundo fora e algumas ficaram-me marcadas, como a viagem a França, outra à Alemanha,..

Até ao dia de hoje, tenho muitas outras recordações e viagens para contar, mas vou parar por aqui esta viagem.



Maria Coutinho, N.º 13, 7.º C

Viagens

Viagem dos meus sonhos é o que sonho!

Viajar o mundo inteiro é o meu sonho...

Descobrir coisas novas sem ter medo.

Pois na vida nada temo.

Tantas paisagens engraçadas descubro – o mundo às gargalhadas.

Depois da viagem fico feliz

Porque foi isso que sempre quis!

Milene Rodrigues , N.º 29 , 7.º D



A Senhora Mendes

Era um dia comum no centro de África. A senhora Mendes já se encontrava desperta e, com o seu balde, dirigia-se para o poço. A senhora Mendes tinha três filhos. Um deles estava doente há três meses, ninguém sabia o que ele tinha, nem o curandeiro local. O seu marido já havia morrido, fazia agora um ano, aparentemente com a mesma doença que o seu filho, e por isso é que hoje iria com ele à vila para ver se o menino poderia ser curado ou se estava condenado.

Quando chegou ao poço, a senhora Mendes sorriu, pois conseguia ver no fundo o brilhante Sol. Mas, aquela água não era limpa e fresca como a que caía das nuvens. Não. Esta era turva e acastanhada, no entanto, era a felicidade desta mulher, pois conseguiria dar de banho ao seu filho doente antes de partirem na carreta para a vila. Com esta água podia também dar de beber aos seus outros dois filhos, para que estes não morressem à sede. Assim que acabou de encher o seu balde, retornou o seu caminho para casa. A caminhada da senhora Mendes era lenta e arrastada, como a do grande lagarto da terra, o Dragão de Komodo.

Horas depois, a senhora Mendes e os seus filhos já se encontravam na vila com o médico do hospital.

- O menino tem de ser operado, nós aqui não podemos fazê-lo, mas podemos fazer com que cheguem a um país rico, um país que vos possa ajudar. – Disse o médico. – Nós temos um programa com Seattle, da grande América, vocês só têm de nos dizer os nomes, e serão entregues aos seus cuidados.

E foi o que a senhora Mendes fez, pois esta não aguentaria perder mais um membro da sua família.

Quando esta família chegou à cidade da grande América, Seattle, foram logo para o hospital e o menino foi imediatamente operado. Supostamente o que ele tinha era devido à água, que não era potável, que ele ingeria. Mas o que é que a senhora Mendes poderia ter feito? Nada. Aquela água era a única água à qual eles tinham acesso e a única da qual eles se abasteciam.

Já na recuperação, a Senhora Mendes, sentada juntamente com os outros filhos à volta do seu menino, via televisão, quer dizer, admirava, porque nunca antes tinha visto uma. Reparou que estavam no ecrã duas crianças, um rapaz e uma rapariga, numa grande banheira de água e ficou tão intrigada que chamou a enfermeira e lhe perguntou o que era.

- É uma piscina, senhora Mendes, é um sítio de lazer! – Disse a enfermeira.

- Um sítio de lazer? Ainda bem que isso existe, mas invés de vocês gastarem dinheiro em coisas destas, deviam era ajudar-nos. Nós que nem água temos! Eu levanto-me todos os dias para ir buscar água de um poço para os meus filhos. Esta água que matou o meu marido e que queria fazer o mesmo com o meu menino! E vocês aqui até baldes grandes chamados piscinas têm, com água para brincar e nós trabalhamos para a ter.

Depois disto a enfermeira saiu do quarto e a senhora Mendes agarrou-se aos seus filhos a chorar e a desejar que eles tivessem nascido naquele lugar em vez de África.



M^a Inês Garcia, N.º 17, 9.º C



A Viagem pelo Mundo com a Minha Turma

No ano 2015, eu e a minha turma organizámos uma viagem de quinze dias pelo mundo inteiro.

No início estávamos com medo, porque era muito tempo sem a família, mas ficámos todos entusiasmados no dia em que a viagem começou.

Eu e a minha turma, uns dias antes, encontrámo-nos para decidir qual o sítio que íamos conhecer primeiro. A Ana Beatriz disse:

- Eu gostava de começar por Nova Iorque.
- Eu cá queria ir a Tóquio. - Informou o Sérgio.

Começaram a rir-se.

- Porque não começar pelo Brasil? - perguntou a Anna.
- É uma boa ideia, mas tenho outra sugestão, porque não começar pelo nosso país?! - exclamou o André.

- Sim, concordo. - respondemos todos ao mesmo tempo.

- Então, já está escolhido o sítio por onde vamos começar. - disse eu para o resto da turma.

Durante três dias visitámos o Cristo Rei, o Palácio da Pena, o Algarve, entre outros sítios.

Eu, para guardar recordações, levei a minha máquina e três embalagens de pilhas.

Na nossa segunda noite, reunimo-nos para saber qual o próximo país a visitar, para podermos partir no final do terceiro dia.

- Podíamos ir visitar França! - disse a Filipa com muito entusiasmo.

- Não. Já tivemos que aturar o Francês o ano inteiro. - Desabafou o Bernardo com ar de esquisito.

- Não. Devíamos agora ir para Inglaterra. – Retorquiu o Diogo Fonseca, fanático por Inglaterra.

- Eu cá, acho que podemos ir visitar as Caraíbas. – disse a Ana Isabel.

- Caraíbas? – diz o Hugo. – Eu cá quero ir à Coreia.

- Sim! Eu sempre quis ir à Coreia. Porque não? – interrogou o Bruno.

- Nãoooo! Espanha, Espanha, Espanha. – disse a Cíntia a tentar que alguém a apoiasse.

- Eu apoio-te Cintiazinha, mas também gostava de ir ao Luxemburgo.

Depois de tantas ideias decidimos aceitar a minha. Ir conhecer o Chile.

Quando aí chegámos, fomos pôr as malas no hotel e começámos a visitar alguns monumentos, durante cinco dias.

Todas as noites fomos para o mato ver o céu e as estrelas mais belas.

No resto da viagem visitámos Angola, Brasil, Nova Iorque, Tóquio, França, Inglaterra e as Caraíbas, tudo apenas numa semana.

Quando chegámos da viagem, estávamos estafados, mas ainda deu para ver as fotografias que tínhamos tirado e rir à gargalhada.

Enquanto os pais não chegavam, eu dei um gelado a cada um.

Antes de nos irmos embora, estávamos felizes e concordámos todos que a viagem fora engraçada e interessante.

Madalena Barbosa, N.º 17, 7.º E

Amizade



Amigos são aqueles com quem tenho amizade
Os de quem tenho muitas saudades
Que me conhecem de verdade
São os com quem brinco à tarde.

Amizade tem coisas lindas que gostaria de falar
Falo em verso para o meu professor gostar
O meu companheiro até estranhou a minha caneta não parar
Nem com os meus amigos fui brincar para este trabalho acabar.

E com amizade me despeço
Aos meus novos e velhos amigos lhes confesso
Que escrever tudo isto em verso
Não foi muito fácil, mas para mim foi um sucesso.

João Ferreira, N.º 16, 5.º E